



**CONCLUSÕES**

## CONCLUSÕES DO “IV CONGRESSO LITERACIA, *MEDIA* E CIDADANIA”

A 4.<sup>a</sup> edição do Congresso “Literacia, *Media* e Cidadania” organizado pelo Grupo Informal de Literacia para os Média teve como tema central “Por uma nova consciência do espaço público”. Com cerca de 250 participantes inscritos, o Congresso abriu com uma conferência intitulada “La conciencia pública en la nueva esfera mediática. El riesgo de la desigualdad creciente en alfabetización mediática”, proferida por Pérez Tornero, professor da Universidade Autónoma de Barcelona. Durante a sua preleção, Pérez Tornero diagnosticou uma sociedade em crise no que se refere à comunicação na esfera pública e também na esfera privada, em que a empatia se está a perder, o carisma está a ser mal interpretado e a tendência para o encurralamento em “jaulas de vidro” de pensamento comum se está a intensificar. A este panorama inquietante acresce aquilo a que designou “sociedade da caixa negra”, na qual se desconhece quem realmente regula o poder.

A Sessão Plenária 1, designada “Literacia da Imagem e do Cinema”, contou com a comunicação inicial de Isabel Capelo Gil, reitora da Universidade Católica Portuguesa, sobre “Cidadania visual: As imagens e os rostos da guerra”. Durante esta intervenção a plateia foi alertada para o facto de as imagens poderem, por si, constituir atos políticos na medida em que, ao produzir modos de ver, constroem e determinam o olhar sobre o mundo. A questão da retórica da auto-representação e da paixão pela própria imagem, designadamente o caso quase epidémico das *selfies*, também mereceu uma referência específica da oradora, em contraponto à invisibilidade e à exclusão a que são votadas as vidas marginais dos refugiados, por exemplo, que adquirem um estatuto de *Nidadão*, ou seja, de cidadão que não habita, que é menos válido.

Esta sessão contou ainda com as intervenções da Presidente do Instituto do Cinema e do Audiovisual, Filomena Serras Pereira, da Coordenadora

do Plano Nacional do Cinema, Elsa Mendes, e de Eduardo Cintra Torres, docente da Universidade Católica e Crítico de Televisão, tendo ficado bem sublinhada a enorme importância da literacia da imagem para a Literacia Mediática no seu todo, havendo que desenvolver cada vez mais as competências da população associadas a uma “leitura” crítica e rigorosa do cinema, da televisão e dos conteúdos audiovisuais em geral.

A Sessão Plenária 2 foi dedicada ao “terreno”, isto é, à formação e às boas experiências em matéria de Educação para a Média, tendo sido preenchida por um diversificado conjunto de apresentações a cargo de José Azevedo, Mónica Fantin, Isabel Nina e Margarida Saco, que partilharam com os participantes alguns dos projetos que estão a desenvolver e que abrangem matérias tão díspares como os conceitos de Literacia para a Média e de Literacia Digital, bem como a relação entre estas, as necessidades de atuação em Portugal e a referência que a elas consta no Programa Portugal INCODE 2030, a descodificação da linguagem científica em comunicação acessível aos cidadãos comuns, a criação de redes de formação com alunos e professores em toda a América Latina, projetos de formação de professores “topo-base” em Portugal, bem como a campanha de combate ao discurso do ódio online.

A terceira Sessão Plenária, intitulada “Por Uma Nova Consciência do Espaço Público”, teve início com a Conferência “Verdade, Felicidade, Eficácia Política: O Desafio Triangular da Cidadania na Pletórica (Des)Ordem Mediática em Curso” proferida por Viriato Soromenho Marques, da Faculdade de Letras de Lisboa, a que seguiram as intervenções de Catarina Burnay, da Universidade Católica, e de Pedro Coelho, docente na Universidade Nova e Jornalista da SIC. As três intervenções, apesar da natureza diferente das abordagens, evidenciaram as significativas mudanças sociais, políticas, éticas e comportamentais que têm vindo a ocorrer nas últimas décadas ao nível da nova *Ágora*, ou seja, o espaço público das sociedades contemporâneas.

Seguiu-se o Tributo ao Professor Paquete de Oliveira a que foi dado o título “Nunca se arrependam de ser bons”, frase proferida pelo próprio aos seus filhos, em jeito de despedida. Foi um momento bastante emotivo, marcado pela atuação da Associação Cultural Gambozinos e pelo testemunho comovido de um significativo conjunto de amigos e de sua mulher, a jornalista Maria do Céu Neves.

Destes dois dias de Congresso podemos destacar três ideias-chave que resultaram das intervenções e dos debates que lhes sucederam:

1. Apesar dos progressos conseguidos nos últimos anos ao nível da formação de formadores e de professores na área da Literacia para os Média, é ainda necessário um incremento significativo neste domínio;
2. Apesar das orientações emanadas das organizações internacionais de referência, como a Unesco e a União Europeia, persiste em alguns campos a distinção entre Literacia Digital e Literacia para os Média, sendo a primeira entendida como a capacidade para manusear os recursos tecnológicos e a segunda associada ao sentido crítico na utilização e análise dos meios de comunicação, bem como a produção de conteúdos. Esta bipartição é empobrecedora para ambas e, sobretudo, para os cidadãos, pois limita o potencial que a visão da Literacia para os Média, enquanto agregadora numa perspetiva dialética de todas as competências anteriormente referidas, oferece. Acresce que na perspetiva daquelas organizações internacionais, a Literacia para os Média é muito mais abrangente na medida em que abarca, não só os meios de comunicação social tradicionais, como toda a panóplia de novos média. Torna-se, pois, indispensável generalizar o conhecimento e a aceitação da Literacia para os Média nesta conceção, retirando daí as consequências para os diversos planos de atuação. Foi, aliás, a este propósito referido o programa Portugal INCODE 2030, que em algumas das suas iniciativas parcelares acolhe esta bipartição e mesmo quando refere a Literacia para os Média não revela aproveitar plenamente o conhecimento e as experiências já adquiridas. Nestes termos, apela-se às entidades promotoras para que se coordenem com os atores que há longos anos vêm trabalhando estas temáticas em Portugal, no sentido de se maximizarem os recursos já existentes.
3. Nos anos mais recentes assistimos à emergência de todo um conjunto de novos média, bem como à sofisticação dos algoritmos que selecionam e hierarquizam os conteúdos oferecidos aos consumidores, favorecendo fenómenos como o enclausuramento dos cidadãos em “bolhas” informativas, as *fake news*, as ondas de comportamentos irracionais, muitas vezes com grande agressividade, a diminuição da empatia, entre outros. Estes desenvolvimentos contribuíram para a consolidação de movimentos radicais e de intolerância ao ponto de parecerem ameaçar a coesão do tecido social. Para assegurar a sã convivência social mostra-se assim indispensável investir na Literacia Mediática, pois será a única forma de dotar os cidadãos de competências para diversificarem as suas fontes de informação e do sentido crítico para as saber selecionar, analisar e interpretar.